

CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO: QUE É ISSO?

“Todos os homens, por natureza, tendem ao saber”
Aristóteles (2008, p. 9)

“O conhecimento deve ser construído coletivamente”. Esta talvez seja uma das frases que tenho ouvido com mais frequência em minhas inúmeras conversas (nestes mais de quarenta anos de educação) com professores e coordenadores da chamada *educação básica*. Quase um mantra¹ nas escolas dos últimos 40 anos, desconfio que tal expressão esteja sendo muito mais professada e cultuada do que refletida efetivamente. Afinal, o que querem dizer aquelas pessoas que repetem à exaustão que nossos estudantes devem construir coletivamente seu conhecimento?

Na maior parte dos casos, observo que essa afirmação vem indicar e justificar a realização de trabalhos em grupos, nas escolas. Muitas teorias e currículos escolares, principalmente nos últimos 10 anos, vêm assinalando a importância do trabalho em grupos, e, mais que isso, observando a necessidade de se dar aos estudantes a prerrogativa de participar das aulas em disposições não autoritárias – hoje, posicionados ao lado de seus parceiros –: geralmente ao redor de mesas maiores, onde todos se acomodam em círculos. Ao repararmos nessas salas de aula, normalmente sentimos tratar-se um ensino mais moderno e humano, no qual os alunos não estão enfileirados escutando passivamente as falas de um professor expositor: aqui demonstram participação mais ativa e aparentam sempre possuir o mesmo grau de importância. Dá-nos a impressão de interação e (aqui vai mais um termo mântico dentro de nossas escolas) cooperação. Porém, até que ponto estarão construindo conhecimento de fato? E será que isso se dá coletivamente? Afinal, como se deu a construção do conhecimento humano? Coletivamente? Cooperativamente?

¹ Mantra. Dicionário Houaiss – UOL - https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#4

Substantivo masculino.

1 na cultura indiana, sílaba, palavra ou verso repetidos segundo prescrições ritualísticas e musicais, tendem a ter em vista uma finalidade mágica, meditativa ou o estabelecimento de um estado contemplativo [Um mantra pode simbolizar ou evocar uma filosofia mística (*dársana*), um livro sagrado ou um deus; é amplamente utilizado no ritualismo hinduísta e no budista, nas práticas psicofísicas da *ioga* e no *tantrismo*.]

2 *p.ext.* palavra, ideia, moto, afirmação que alguém repete (como se fosse um mantra)

Ao longo da história do conhecimento, vamos experimentando uma renovação continuada dos saberes que exploram e explicam nosso mundo. As diferentes comunidades humanas que a história nos relata parecem, cada uma a seu modo, ter construído um corpo de conhecimentos que lhes permite que se organizem técnica e moralmente. E é certo que a constatação de qualquer cultura estruturada nos leva à impressão inicial de que sua história pode ter sido marcada por um *esforço coletivo* onde o objetivo central seria sempre organizar e dar um rumo às realizações de tal sociedade. Mas, será mesmo?

Se formos vasculhar as diferentes histórias de povos e nações, o que veremos serão sempre antíteses a se digladiar e se substituir nos campos do poder. As ações de pessoas e diferentes grupos são, na maior parte dos casos, de conflito e de luta por explicações apropriadas acerca da realidade. Até mesmo em situações onde estão presentes apenas busca de resoluções de problemas do cotidiano, perceberemos que aquela ideia de cooperação inicial (racional e consensual) não passa de mera ilusão. O que encontramos é, geralmente, conflito de ideias e de visões de mundo. No campo religioso, isto parece acontecer ainda com mais força.

Pelo fato de uma religião ser sustentada por pilares que assinalam tradições, visões de mundo e valores morais de determinada comunidade, o que fica registrado é a consolidação de caminhos a serem seguidos, critérios de julgamento e punição sendo impostos, chegando até mesmo a pensamentos, crenças e temores que estão presentes (de maneiras similares, confusas ou contraditórias) em cada diferente indivíduo. Uma religião – mais que qualquer pensamento filosófico ou científico – constitui um corpo de saberes estruturado e que visa retratar o mecanismo social *ipsis litteris*, o que nos traz a impressão de acordo e cooperação. Porém, a história das religiões é recoberta de violência e sangue. Difícil vemos cooperação e ação coletiva em fatos dessa ordem. Mas, o que isso quer nos dizer? Não há construção coletiva no conhecimento? E a cooperação? Talvez, aqui, trata-se, sem dúvida, de derrubarmos esse mantra e criarmos uma reflexão humana e mais racional acerca dessas palavras de efeito.

É certo que a história, numa análise cuidadosa, desfaz essa ideia mágica de pessoas sentadas a uma mesa abordando cooperativamente temas de

elucidação do mundo bem como resoluções para problemas que a realidade sempre nos trouxe. Entretanto, dizer que o conhecimento é construído coletivamente (e que, de fato, há cooperação nessa construção) pode não ser algo falso; talvez tal ideia apenas careça de um pensamento mais cuidadoso. Senão vejamos.

O aprendizado ou a construção de conhecimento, do ponto de vista do indivíduo e social, acontece em duas situações específicas – estas presentes em praticamente todos os casos. A primeira delas é a necessidade material. Lutamos muito, e muitas vezes logramos realizar nosso intento, por resolver problemas que nos ameaçam, de alguma forma, a sobrevivência física (nossa e de nossos semelhantes), bem como a mental. Aí estão temas como cura de doenças; melhora na produção de alimentos e moradias; construção de equipamentos que melhorem nossa vida no mundo; descoberta e aperfeiçoamento de conceitos científicos, filosóficos e linguísticos, que propiciem avanço teórico e novas perspectivas tecnológicas, inclusive dentro da própria educação. Em todos esses casos, um fator está sempre presente: a falta que o conhecimento nos faz. Sobreviver ou viver melhor são motes que nos conduzem a empreender a busca pelo conhecimento, e as percepções de nossas carências podem ser individuais ou sociais. A outra situação tem a ver, no campo humano, com a necessidade de validar nosso pensamento ou nossas ideias.

Ao contrário de todos os outros animais - pelo menos é assim que conseguimos perceber até hoje – nós humanos temos a capacidade e a prerrogativa de idealizarmos situações que não existem efetivamente em nosso mundo. Em outras palavras, nós podemos imaginar outras realidades; mas não apenas isto. Podemos, munidos de linguagens e conhecimentos prévios, explicar o próprio funcionamento da vida, do mundo físico e até dos princípios naturais e abstratos que nos comandam a realidade. Porém, imaginar somente não basta: é preciso comunicar: mostrar como é estruturado o nosso pensamento e como o mesmo pode representar algo válido. Em outras palavras, somos capazes de *argumentar*. E a argumentação implica em aprender, pois só podemos falar com clareza daquilo que nos é conhecido. Enquanto a luta pelo conhecimento do mundo nos permite a sobrevivência e o possível conforto no

campo físico, a busca de argumentações consistentes nos possibilitam sobreviver intelectualmente. E, nos dois casos, o trato é coletivo. Afinal, a escolha de caminhos é sempre marcada por conflitos, pois as pessoas são diferentes e, portanto, não têm de pensar da mesma maneira.

Na construção de nossas ciências e dos pensamentos filosóficos ou até religiosos, o embate de ideias foi sempre um marco. Desde as primeiras técnicas para se cultivar e caçar até a atual construção de uma possível inteligência artificial, o que predomina é a divergência (e não a confluência) de ideias. Nas mais variadas situações, podemos nos propor afirmar que discussões e discordâncias marcaram o desenvolvimento do conhecimento humano. As diferentes visões e abordagens, as culturas conflitantes, as crenças e certezas que se contradizem e até diferentes propósitos não explicitados vêm obrigando o humano a criar, avaliar sua criação e a passá-la adiante. E isso o obriga a ensinar e aprender; em outras palavras, a construir conhecimento. E o coletivo?

O coletivo é justamente o conjunto de contendores que, por não terem inicialmente (e necessariamente) as mesmas ideias, devem entender as visões e proposições diferentes a fim de consolidar as suas ou modificá-las. Construção coletiva do conhecimento significaria, então, esse movimento de descoberta dos melhores caminhos – para a resolução de problemas objetivos, ou para a proposição de teorias que substituam o completam outras – e sua comunicação pertinente e lógica a quem se há debruçado sobre os mesmos problemas e eventualmente possa pensar *diferente*. Mas, e a cooperação?

Esta seria a segunda fase, a qual pode também envolver um coletivo particular, ou, nos termos aqui propostos, um “subcoletivo”. Cooperação é a ação de cooperar, ou seja, de operar com, em conjunto, com um mesmo fim². Após se convencer acerca de um caminho, uma técnica ou um método, caberia ao indivíduo juntar forças com aqueles que comungam de suas ideias a fim de

² Cooperar - Dicionário Houaiss – Uol

https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#11

atuar, juntamente com (outros), para um mesmo fim; contribuir com trabalho, esforços, auxílio para (tarefa, objetivo etc.); colaborar

fortalece-las, põ-las à prova ou refutá-las com consciência. O coletivo, enquanto espaço de divergências e embate de ideias nunca deixa de existir.

Em nossa educação de tantas teorias da moda, tantas frases lapidares que nunca são postas em questionamento e de tantos mantras, quem sabe poder-se-ia colocar em discussão a tal *construção coletiva do conhecimento*. Para desqualificá-la? Por certo que não! Mas, talvez para torná-la válida de fato. Quem sabe não seria o caso de nos envolvermos no *coletivo da educação* e investigarmos: o que anda acontecendo: nos grupos que formamos nas salas de aula; nas reuniões pedagógicas em que o que é *certo* já está definido horas antes de seu início; nas adesões cegas (que fazemos) a certos pontos de vista sobre os quais nunca debatemos de fato.

Para tanto, não precisamos nos sentar em rodas: basta que exercitemos nossa visão crítica e valorizemos (até mesmo para superar) aquilo que nos parece estranho. Nossa fala e nossos argumentos são marcas de nossa posição e de nossa possível colaboração nas transformações mundo afora. Não haverá aprendizado coletivo sem as ideias conflituosas, as dúvidas e os embates. Da mesma maneira que talvez devamos dedicar um olhar diferente aos grupos de alunos organizados em grupos – muitas vezes a partir de critérios de escolha que privilegiam o silêncio e o bom comportamento. Quem sabe seja preciso que nos questionemos enquanto grupo de profissionais que poderíamos estar, de fato, construindo nosso conhecimento na educação de maneira coletiva, mas que estamos apenas fazendo coro ao silêncio e ao bom comportamento da educação, o qual, ao fim e ao cabo, apenas mantém a sociedade sem nada de novo; em outras palavras sem nenhum novo aprendizado.

BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. *Metafísica – Livros I, II e III, in Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução no 15*. Trad. Lucas Angioni. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2008.